



**NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA:
o entendimento dos acadêmicos do curso de Letras a respeito do impacto na nossa língua**

Aline de Mello Varela*

Janaína Lima Viana**

RESUMO

Este artigo analisa o conhecimento técnico de acadêmicos do curso de Letras a respeito do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O estudo foi elaborado através de entrevista semi-estruturada e as análises elaboradas através das respostas para a pergunta ‘Quais os seus conhecimentos sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa?’. Para as explanações, utilizamos de revisão bibliográfica de autor(a) da Análise de Discurso e pesquisa no site da Academia Brasileira de Letras (ABL). Concluimos que mesmo diante da relevância da Língua Portuguesa como instrumento de trabalho permanece a deficiência de conhecimento e senso crítico sobre o Novo Acordo Ortográfico.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Novo Acordo Ortográfico. Educação. Análise de discurso.

1 TEXTO INTEGRAL

Este artigo é resultado de pesquisa realizada com acadêmicos do curso de Letras sobre o tema do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrará em vigor, no Brasil, a partir de 2013. O objetivo é analisar o conhecimento técnico dos acadêmicos sobre o Novo Acordo Ortográfico.

* Acadêmica do curso de Letras, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop.

** Acadêmica do curso de Letras, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop.

Convém articularmos que o curso de Letras visa à formação de professores de línguas, linguística e literaturas, assim, o acadêmico do curso está diretamente relacionado com o ensino do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O Novo Acordo propõe a unificação ortográfica do léxico português entre os países que tem como oficial a Língua Portuguesa. Conforme a 5ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), o projeto do Novo Acordo Ortográfico,

Aprovado em Lisboa aos 12 de outubro de 1990 pela Academia das Ciências de Lisboa, pela Academia Brasileira de Letras e por delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com adesão da delegação de observadores da Galiza. Com este projeto aprovado, a língua portuguesa deixa para trás a condição de ser um idioma cujo peso cultural e político encontra, na vigência de dois sistemas ortográficos oficiais, incômodo entrave a seu prestígio e difusão internacional.

O presente artigo é fundamentado na análise das entrevistas e relacionado com reflexões trabalhadas a partir da Análise de Discurso. O método de pesquisa empregado foi de entrevista semi-estruturada gravada com áudio e vídeo. As entrevistas foram realizadas entre os dias 04 e 13 do mês de outubro do ano de 2012 com acadêmicos residentes nas cidades de Sinop e Sorriso no norte do Estado de Mato Grosso.

Os entrevistados estudam em uma instituição universitária na cidade de Sinop. Foram selecionados, propositalmente, acadêmicos do curso de Letras de semestres alternados; duas acadêmicas do primeiro semestre, um acadêmico do quarto semestre e uma acadêmica do oitavo semestre.

Os acadêmicos entrevistados têm formulado o seu embasamento teórico e o seu conhecimento científico sobre o Novo Acordo Ortográfico principalmente através de pesquisas feitas na internet, na leitura de textos sobre o assunto e de livros atualizados de gramática e dicionários.

Todos os entrevistados responderam a pergunta, ‘Quais os seus conhecimentos sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa?’. Abaixo, redigimos as respostas e suas respectivas análises:

(01) Acadêmia A: Bom, eu li a respeito é que entrou em vigor em 2009 e nós temos que nos adaptar a ele até o finalzinho de 2012, porque vai ser obrigatório o uso dele a partir de 2013. E eu sei, as variações, as mudanças foram alterações em acentos de algumas palavras e a padronização do hífen e a eliminação do emprego do trema.

A opinião da Acadêmica A (do primeiro semestre de Letras, residente em Sorriso - MT) está relacionada com a leitura do assunto. Compreendemos que sustenta seu discurso pela repetição. Observamos a repetição quando diz “Bom, eu li a respeito [...]” e enuncia saber do Novo Acordo Ortográfico o ano em que entrou em vigor, o período de adaptação, a obrigatoriedade a partir do ano de 2013 e o que mudou nos vocábulos. Ao reproduzir o discurso de sua leitura, permanece implícita a ausência de um senso crítico sobre o tema. Conforme (ORLANDI, 2007, p.54) o sujeito “ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete”. Vejamos:

(02) Acadêmica B: Bem, o acordo ortográfico não foi cobrado para mim agora no primeiro semestre. Não tive cobranças de outros professores, exceto de Produção de Textos. Mas, eu acho que este acordo é importante para padronizar todos os países que usam a Língua Portuguesa, para dar um padrão, para todos os países conseguirem se comunicar normalmente, né. Mas, assim, acho que é importante desde já eu, como aluna, já ir aprendendo. Porque logo, quando eu me formar, eu vou ter que saber isto, todas estas mudanças, para poder ensinar para os meus alunos. E poder cobrar também das pessoas que estão ao meu redor, porque eu também vou ser cobrada. Eu acho que é isso.

O discurso da Acadêmica B (do primeiro semestre de Letras, residente em Sinop - MT) é baseado na repetição de sentidos, “Mas, eu acho que este acordo é importante para padronizar todos os países que usam a Língua Portuguesa, [...], para todos os países conseguirem se comunicar normalmente, né”. Observamos na prática discursiva da Acadêmica B uma reprodução dos sentidos produzidos pelo discurso político, que justifica o Novo Acordo como tendo o intuito de solucionar o problema da compreensão do léxico português. Problema causado pela existência de “dois sistemas ortográficos oficiais” da Língua Portuguesa. O que seria, para a nossa língua, a causa de um “incômodo entrave a seu prestígio e difusão internacional” (VOLP, 5ª edição).

Percebemos que a Acadêmica B coloca-se no lugar do acadêmico locutor visando que os sentidos produzidos pelo seu discurso significam o mesmo para os dois. Observamos a sua argumentação quanto à visão do que é ser acadêmico, da importância de aprender (pois, sabe que será cobrada) e a importância de ensinar. Entendemos que a opinião da Acadêmica B remete a antecipação quanto ao sentido que suas palavras produzem para o acadêmico locutor (ORLANDI, 2007). Conforme escreve (ORLANDI, 2007, p. 36) “entre o mesmo e o

diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”.

(03) Acadêmica C: Olha, o que eu pude ler, né, porque a gente tem um pouco ainda de conhecimento com relação a esse, né, o que nos viemos passando na faculdade são poucas coisas, apenas, tipo, as pessoas esperam que a gente pesquise, se adentre mais no assunto, né. Mas, o que eu pude ler, o pouco, o pouco que eu pude ler é que esse acordo foi proposto a nós acadêmicos, e futuros professores, no ano de 2009 para ser instituído exatamente nesse primeiros trimestres, nesse primeiro trimestre do ano, de 2012. Esse acordo vem com uma tentativa de unificar, as, os países que falam o português. E politicamente, é bem visto. Mas, a gente sabe que na prática não é bem assim. Pois, como você [acadêmico locutor] já disse antes, alguns vocábulos, algumas gírias ou algumas palavras mesmo diferentes, são diferentes de um país pro outro, mesmo falando a mesma língua.

O Acadêmico C (do quarto semestre de Letras, residente em Sorriso - MT) também tem sua opinião pautada por leitura. No relato “o que nos viemos passando na faculdade são poucas coisas”, expõe a situação da (des) instrução acadêmica sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. A despeito de sua afirmação “apenas, tipo, as pessoas esperam que a gente pesquise, se adentre mais no assunto, né”, fica evidente que “esperar que a gente pesquise” não é o suficiente para introduzir no acadêmico uma opinião crítica sobre o tema proposto. Afinal, conforme (ORLANDI, 2007, p.39) “um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. Em tal caso, percebemos a falta do debate em sala de aula (universitária) sobre o Novo Acordo Ortográfico.

(04) Acadêmica D: Bom, sobre o acordo ortográfico o que a gente sabe, não só eu, mas, a maioria dos alunos do oitavo semestre, são poucas coisas que a gente foi lendo durante o curso, que foi perguntando para um professor aqui, outro professor ali, que tinha que dar uma aula no estágio de regência no Ensino Fundamental e Médio, precisava saber para poder passar para o aluno. [...] E, talvez, durante a academia, que foi o meu caso, a gente viu pouca coisa porque tem muito conteúdo para passar. Então, é uma coisa que a gente sabe que não vai ver, que não vai sair da faculdade pronto. Vai ter que estudar muita coisa ainda depois. Mas, assim o que eu sei, eu sei que ainda é pouco, eu tenho que estudar mais. Porque eu sei algumas coisinhas. Igual, alguns acentos de caíram que o *Word* já tira sozinho. Igual, ideia que não tem mais. É algumas palavras e o hífen não tem, que juntou. Algumas coisas a gente

vai sabendo, porque está usando direto, assim, em algum trabalho que tem que entregar, um artigo que você vai mandar para alguma revista. Então, alguma aula que deu, que teve isso, e a gente teve que explicar porque que não teve mais acento.

Novamente, notamos a presença modesta do professor no cotidiano universitário referente ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, conforme a Acadêmica D (do oitavo semestre de Letras, residente em Sinop-MT) “o que a gente sabe, não só eu, mas, a maioria dos alunos do oitavo semestre, são poucas coisas que a gente foi lendo durante o curso, que foi perguntando para um professor aqui, outro professor ali”.

Quando a Acadêmica D diz “Então, é uma coisa que a gente sabe que não vai ver, que não vai sair da faculdade pronto. Vai ter que estudar muita coisa ainda depois”, compõe o seu discurso a partir da formação ideológica do lugar de onde fala, ou seja, como aluna do oitavo semestre e futura professora. A ideologia presente é resultado da relação entre ‘para ensinar é preciso estudar’.

Conforme Orlandi (2007, p.48) “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e a com a história para que haja sentido”. De acordo com Orlandi, (2007, p. 43):

O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. [...] as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

Analisamos as respostas para a pergunta “Quais os seus conhecimentos sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa?” e obtivemos a conclusão de que os acadêmicos do curso de Letras pensam e sabem sobre o tema proposto. Verificamos que os acadêmicos (inconscientes) reproduzem o discurso político que fora lido, pouco sabem a respeito das mudanças práticas provocadas na língua e nada sabem sobre os interesses políticos envolvidos no acordo ou sobre os embaraços sentido entre os países de Língua Portuguesa.

Os acadêmicos do curso de Letras permanecem na obscuridade. Todo o conhecimento que possuem sobre o Novo Acordo Ortográfico é resultado de pesquisa realizada na internet e na leitura de textos, livros de gramáticas ou dicionários atualizados. Não há uma grande discussão sendo inserida dentro da universidade com o propósito de desenvolver no acadêmico o pensar crítico sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Observa-se que a participação do professor universitário é mínima, insuficiente, quase inexistente.

Independente das ilusões quanto a crer que a responsabilidade é totalmente sua e a despeito da implícita ausência de senso crítico, a visão do que é a vida acadêmica deveria ser mais do que ideologias do ‘para ensinar é preciso estudar’. A verdade não nos permite negar a relevância do exercício contínuo do estudo enquanto necessidade profissional (e pessoal) do professor. Mas, não é aceitável que o acadêmico do curso de Letras permaneça na escuridão sobre assunto tão importante e relacionado de modo tão intrínseco com a Língua Portuguesa.

Não é questão de cobrança ou de paranoia, conforme o enunciado abaixo da acadêmica D. É questão de relevância e primazia. A relevância da participação do professor universitário, indispensável, para a orientação e o desenvolvimento da formação profissional do Professor de Letras. E a primazia do pensar crítico sobre a Língua Portuguesa como instrumento de trabalho para os (futuros) profissionais de Letras.

(05) Acadêmica D: Então, estas coisinhas, assim pequenininhas, a gente vai, vai pegando aos poucos. [...] Então, por mais que você vê: “eu tenho que saber, eu tenho que saber, eu tenho que saber”, não pode entrar na paranoia. Porque você vai saber, mas, de uma maneira gradativa. É porque não vai ser cobrado de uma hora para outra, aí, tem que sem assim. Vai ser cobrado? Vai. Mas, aos poucos. Não vai ser drástico. Pelo menos eu penso que não. Espero que não seja. Porque se for, está todo mundo enrolado.

**NEW AGREEMENT ORTHOGRAPHIC PORTUGUESE:
understanding of academic course of Letters regarding the impact on our language**

ABSTRACT¹

This paper analyses the technical knowledge of students in a Language and Literature graduation course concerning about the New Orthographic Agreement of Portuguese Language. The study was elaborated by semi-structured interview and the assay was made by the answers to the followed question ‘Which are your knowledge about the New Orthographic Agreement of Portuguese Language?’. For the explanation, it was used the literature review from writers of Discourse Analysis and the research on the Brazilian Academy of Letters (ABL) website. It was concluded that even towards the Portuguese Language weighting as working tool, it remains the lack of knowledge and critical judgment about the New Orthographic Agreement.

¹ Tradução por Kênya Karoline Ribeiro Sodré (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Keywords: Portuguese Language. New Orthographic Agreement. Education. Discourse Analysis.

REFERÊNCIAS

ACADÊMICA A. **Acadêmica A:** depoimento. [04 out. 2012]. Entrevistadora: Aline de Mello Varela. Sorriso, MT, 2012. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para o trabalho acadêmico da disciplina Produção de Textos II.

ACADÊMICA B. **Acadêmica B:** depoimento. [06 out. 2012]. Entrevistadora: Janaína Lima Viana. Sinop, MT, 2012. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para o trabalho acadêmico da disciplina Produção de Textos II.

ACADÊMICO C. **Acadêmico C:** depoimento. [10 out. 2012]. Entrevistadora: Aline de Mello Varela. Sorriso, MT, 2012. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para o trabalho acadêmico da disciplina Produção de Textos II.

ACADÊMICA D. **Acadêmica D:** depoimento. [13 out. 2012]. Entrevistadora: Janaína Lima Viana. Sinop, MT, 2012. 1 Roteiro para entrevista semi-estruturada. Entrevista concedida para o trabalho acadêmico da disciplina Produção de Textos II.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

SANDRONI, Cicero. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). **Academia Brasileira de Letras (ABL)**. 5. ed. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 04 nov. 2012.